



ENSAIO SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA

Irrompe a consciência da umbrosa nébula, dídiva da razão, que se mantém perene como uma rocha. Inúmeros fios entrelaçados que formam longos cobertores tecidos, aglutinam-se a fim ordenado de cobrir as facetas e vergonhas obscenas tão repudiáveis. Como máscaras, como roupas, como ternos e gravatas. Como a pele, como as mentiras, como a moral.

Eis o homem, criatura universalmente consciente, contemplando a dicotômica natureza da razão, enquanto se paramenta de animal político. Dentre o lado sensível e inteligível, apresenta-se a consciência, como se etnocêntrica, guiando-lhe a vida toda, mas especialmente agora.

Ainda que vestido, o homem se mostra nu, inescrupuloso. Revela-se impuro, de fato como é. Nasce, então percebe algumas coisas e se entende como, de alguma forma, especial. Aglomera-se, ou no mínimo permanece aglomerado, às outras pessoas e sonha, sonha muito, com algum tipo de redenção, recompensa ou flagelo.

Quando percebe, pela segunda vez, vermes roem seu corpo e o que resta, além do absoluto nada, como se a consciência antes esclarecedora, houvesse se apagado, é uma pilha dessacralizada de carbono pulverizado

Bernardo Musquer Marchesan

2º ano / Balneário Camboriú

2025